

“E tudo isto a morte  
Risca por não estar certo”

Fernando Pessoa

## A morte chega cedo

Beatriz Toledo é uma artesã consumada. Seu domínio técnico do conceito de suas obras chega a prejudicar a vivacidade de suas imagens, o que seria um problema se matar a imagem não fosse *exatamente* a intenção da artista. E o trabalho de Beatriz é a exploração da morte da arte, ou a exibição da arte como letra morta.

O seu trabalho “Fantasmas”, de fotos de montagens na galeria que dirige juntamente com o artista Wagner Morales, registra que a “vida” da arte acontece justamente antes do empalhamento da borboleta na parede branca do coquetel esnobe. Daí sua atenção à fatura, ao artesanato da arte: conceber é vivo e excitante. Exibir para o bando de figurantes da cultura – como você, que está lendo esse texto - é mortalmente tedioso. O mundo da arte, que acha que dá vida à arte, a aniquila até os ossos.

Raquel Nava não se importa com a morte da arte, e pelo visto tampouco com a morte, ou a arte. As duas fazem as vezes de palco – a arte – e musa – a morte, para essa artista da umidade do século XVIII incrustada na aridez da produção contemporânea. Porque manter-se aquém das discussões de inserção da arte, faz com que Nava vá além. Não além da Vida - que ela sabe ser somente o intervalo entre uma morte e outra - mas além do palco da instituição que, por sua vez, sustenta seu trabalho. Melhor, *faz* o seu trabalho. Delicia esse pobre escrevinhador a indiferença com que nava trata a plataforma que a sustenta. Como uma diva que ignora os admiradores que a fazem ser diva.

Afinal, temos um jogo complexo de narrativas aqui. Toledo usa imagens estéticas como comentário da arte, e Nava usa materiais e imagens muitas vezes grotescas - repulsivas para os assexuados – fazendo uso justamente desse espaço de legitimação da arte. Só que Nava usa e não paga fatura. Afinal, seu tema é a morte. E só morre o que um dia viveu, existiu. E arte jamais existiu, muito menos viveu.

E é essa morte sem corpo, morte sem os “miasmas e humores” que Toledo trata. A arte apresenta-se como um ritual, um velório sem corpo presente. Nesse velório, entretanto, ninguém chora. Uma ou outra risada forçada, ou pela bebida ou pela circunstância e interesse. Em cada foto, em cada imagem da artista eu sinto a irritação por essas risadas, essas mãos nos colos nas indignações fáceis. Em cada uma dela os objetos fotografados gritam “hei! Eu existo. Eu fiz essa foto! Não foi a fotógrafa, você ou essa tal dona Arte, que nunca deu as caras, afinal”.

As pequenas relíquias de Nava não fazem coro às obras de Toledo. Engalfinhadas no *momentum* renascentista da narrativa, estão coquetes com a nova atenção que lhes é prestada.

De qualquer forma, ambas fazem uma arte dos mortos. Buscam a grandeza fundamental da arte funerária, em homenagem a dignidade da Grande Dama, que vai um dia nos livrar de toda essa praga da Arte Vida e seus congêneres.

Rafael campos rocha, 2014